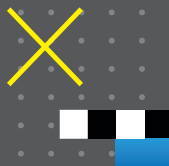




**PARA DIRETORES,
DIRETORAS E DEMAIS
GESTORES E GESTORAS
DE INSTITUIÇÕES
EDUCATIVAS**

INFORMAÇÕES E ATIVIDADES



O QUE É O CHEGA DE BULLYING?

A campanha **CHEGA DE BULLYING** quer colaborar com as escolas para a identificação, prevenção e contenção do *bullying*, também chamado de assédio escolar, perseguição ou intimidação entre pares. O *bullying* é uma forma de violência que requer um trabalho árduo e integral.

A convivência na escola é um tema que envolve toda a comunidade educativa: gestores, docentes, estudantes, familiares, pessoal não docente e de administração. Uma gestão que se compromete a promover o fortalecimento de uma cultura democrática e a igualdade de direitos é indispensável para prevenir e deter situações violentas como o *bullying*.

Para alunos e alunas, a escola representa o espaço onde passam a maior parte do tempo. Sua função central é educar, enriquecer e proteger seus estudantes, em um contexto de respeito e exercício dos direitos de todos e todas.¹

No entanto, apesar dos esforços dos profissionais de educação para promover uma cultura de respeito e um ambiente de aprendizagem contínua, “também se pode observar uma tendência crescente de **assédio entre pares** – agravado pelo uso da Internet – além de agressões dos estudantes (principalmente meninos) e, em alguns casos, de pais contra professores e autoridades educacionais”.²

É um problema que existe praticamente em todas as escolas, tanto públicas quanto particulares, em todas as classes sociais e em todos os países. Não deve ser associado à pobreza. Inclusive, segundo um estudo recente, “as condutas mais sofisticadas de assédio e maus-tratos, bem como de exclusão, têm maior incidência em escolas particulares”.³

A violência, muitas vezes verbal e sem danos físicos, mas não por isso menos grave, antes aceita como algo normal ou inevitável entre crianças e adolescentes,

ganha agora outra leitura graças aos avanços em temas de direitos humanos e especialmente direitos da criança e do adolescente. Além disso, casos conhecidos, cuja gravidade foi exposta pela mídia, contribuíram para pôr o foco sobre esse fenômeno em alguns contextos, para que se começasse a considerá-lo inadmissível e evitável se feito um trabalho de prevenção.

Há uma grande necessidade de informar e ser informado sobre o tema. Estudantes, docentes, mães e pais que se veem diante do problema precisam de ferramentas para saber detectar ou deter essas situações e agir de acordo com a seriedade dos casos.

Por isso, esta apostila chega às escolas para ajudá-las a **deter o bullying**, a partir de um enfoque centrado na Convenção sobre os Direitos da Criança*. **É necessário proteger meninos e meninas vítimas de bullying e ajudar aqueles e aquelas que o praticam, para que deixem de fazê-lo. Todas as crianças têm direito de viver sem serem vítimas de violência e de frequentar a escola para aprender em um ambiente no qual sejam respeitadas e valorizadas.**

Os recursos desta apostila foram idealizados para informar, dar ferramentas e propor atividades para abordar o *bullying*. Foram elaborados especialmente para cada integrante da comunidade educativa segundo o nível de ensino – fundamental I, II ou médio. Acima de tudo, este material procura abrir um espaço de reflexão e debate sobre a convivência escolar dentro de cada instituição.

Temos enorme respeito e admiração pela dedicação e árduo trabalho dos educadores, educadoras, gestores e gestoras escolares que enfrentam esse problema diariamente, enquanto preparam as novas gerações para construir um mundo melhor.

¹ Tradução livre do original em espanhol de “Violencia escolar en América Latina y el Caribe: Superficie y fondo”. Publicado por PLAN International e UNICEF, novembro de 2011, pág. 7.

² Idem, pág. 7.

³ Idem, pág. 49.

* A Convenção sobre os Direitos da Criança reconhece todas as crianças como indivíduos com direitos, ao mesmo tempo em que converte os adultos em indivíduos com responsabilidades. Foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989 e todos os governos da América Latina aderiram a ela.

POR QUE PROMOVER UMA BOA CONVIVÊNCIA NA ESCOLA?

As escolas se esforçam para criar ambientes que propiciem as melhores condições para os estudantes aprenderem. Contudo, o ambiente escolar também é cenário de uma importante diversidade de conflitos e de situações de violência entre os próprios estudantes que podem causar problemas graves de convivência. A experiência mostra que trabalhar a favor do diálogo, da inclusão, da resolução de conflitos, da deslegitimação da agressão em qualquer uma de suas formas, da elaboração de regras de convivência com a participação dos alunos e alunas e a aproximação com as famílias **diminui significativamente a violência na escola e os conflitos entre pares.**

Assim, considera-se que os enfoques preventivos na escola, isto é, **enxergar os conflitos como parte do trabalho de forma integral e a convivência como conteúdo transversal,** são uma via privilegiada para transformar essas situações de forma positiva, assegurando a convivência escolar harmônica e um ambiente saudável para aprender e ensinar.

Uma escola que leva em consideração e compreende sua comunidade assume o trabalho cotidiano de lidar com os problemas, o que implica vê-los, escutá-los, reconhecê-los e, sobretudo, dar-lhes espaço, abrir-lhes as portas. Negar os conflitos e problemas, ocultá-los ou ignorá-los não detém a violência; ao contrário, leva a sua potencialização, naturalização e legitimação.

Lidar com a violência e com os problemas que surgem dela implica assumir um desafio. Há de ser capaz de propor ferramentas que permitam considerar as situações sob várias perspectivas, como a época/tempo, as condições sociais e emocionais dos meninos e meninas, os vínculos familiares e os envolvimento na instituição escolar, seja entre pares ou adultos.

O QUE É O **BULLYING**?

É agredir ou humilhar outra pessoa repetidamente. Insultar, espalhar boatos, ferir física ou emocionalmente e ignorar alguém também são formas de *bullying* entre pares.

O *bullying* pode ocorrer pelo celular, pessoalmente, por escrito, na escola, no bairro, em algum meio de transporte ou em outros espaços onde os estudantes se encontrem com frequência, como as redes sociais. Seja onde for, **o *bullying* não deve ser permitido, é inaceitável.**

O *bullying* é um problema que afeta milhões de crianças e adolescentes sem importar de onde são, nem de onde vêm. É um problema grave, principalmente nas escolas, e precisa ser resolvido o quanto antes.

Os que praticam *bullying* perseguem os meninos ou meninas mais vulneráveis. Escolhem aqueles que são diferentes, porque não usam roupas da moda ou porque fazem parte de uma minoria social ou racial. Os agressores atacam colegas que estão em desenvolvimento e parecem desajeitados, quem está acima do peso e até os mais estudiosos ou muito tímidos. Não precisam muito para se inspirar se têm a intenção de ferir, humilhar ou deixar de lado alguém do seu círculo de amigos ou amigas. Isso não somente humilha aqueles que são atacados, mas também afeta os que testemunham, especialmente se eles e elas não sabem o que fazer a respeito.

Na maioria dos casos, o(a) assediado(a) permanece em silêncio diante do abuso a que está sendo submetido(a). Essa situação intimidadora produz angústia, dor e medo.

O *bullying* se sustenta ao longo do tempo, ocorre com frequência e sempre existe a intenção de magoar ou humilhar quem o sofre. É uma violência gratuita que traz grandes prejuízos e afeta toda a comunidade escolar.

A LINGUAGEM QUE USAMOS

Nesta apostila, aplicamos a palavra “vítima” para descrever um(a) estudante que está sendo intimidado(a). Porém, não a usamos como uma condição em si, mas como um comportamento temporal. Essa palavra é de uso comum nas conversas cotidianas, nos meios de comunicação e, inclusive, para a lei. No entanto, ela não nos convence, já que frequentemente dá a ideia de passividade ou debilidade. Não é assim que vemos os meninos e meninas que são intimidados. Pelo contrário, são jovens ativos que defendem seus direitos e os dos demais, e que têm toda possibilidade de mudança. Da mesma maneira, usamos o termo “agressor(a)” para nos referir a um comportamento e não a uma condição permanente.

Sabemos que, às vezes, nossa linguagem e nossa forma de dizer as coisas discriminam, tornando as meninas, adolescentes e mulheres “invisíveis”. Portanto, em muitos casos, usamos “meninos e meninas” em vez de apenas “crianças”, e “mães e pais” no lugar de “pais”. No entanto, preferimos não recorrer a formulações como “assediado(a)” ou “professor(a)” de forma frequente, porque, apesar de serem mais inclusivas, tornam a leitura mais difícil, especialmente para as crianças.

TODA AGRESSÃO É BULLYING?

É importante distinguir as situações de abuso que podemos enquadrar no *bullying* de outras manifestações agressivas esporádicas, que não são propriamente *bullying*, como as habituais “zoações”, as brincadeiras brutas, grosserias ou brigas que, muitas vezes, ocorrem entre colegas no âmbito escolar.

Deve-se observar que é frequente nas relações entre pares o surgimento de divergências que geram conflitos

e maus-tratos entre eles e elas, sem que devam ser considerados situações de abuso/intimidação propriamente ditas. As brigas, os problemas entre colegas ou entre amigos, o uso de palavras ou vocabulário inapropriado são frequentes em todas as populações de meninos e meninas.

Outra distinção importante é a que ocorre em situações de conflito intragrupal, em que um ou mais estudantes se desafiam ou se enfrentam em lutas/brigas, a fim de resolver seus conflitos ou para estabelecer o poder de uma pessoa sobre as demais ou de um grupo sobre outro. O que distingue essas situações do *bullying* é a igualdade de condições, físicas ou psicológicas, entre os grupos em disputa. No assédio escolar, ou *bullying*, há uma desigualdade entre o(s) assediador(es) e o assediado, que não encontra uma maneira de se defender e se submete ao poder da outra parte.

A intervenção docente e o trabalho contínuo na instituição, baseados em uma cultura de não violência, não discriminação e no reconhecimento dos direitos de todos e todas, permitirá uma melhor resolução de cada um dos problemas de convivência habituais entre estudantes.

Para facilitar a distinção das situações de assédio daquelas que não são, oferecemos uma lista de algumas das características que devem estar presentes para que uma situação seja definida como *bullying*:

Intencionalidade na agressão, seja física, verbal ou virtual.

Desequilíbrio de poder entre o assediado ou a assediada e o assediador ou a assediadora (em que o último é mais forte que o primeiro, seja essa diferença real ou subjetiva, percebida por um(a) deles(as) ou por ambos). A desigualdade de poder pode ser de ordem física, psicológica ou social, gerando um desequilíbrio de força nas relações interpessoais.

Repetição da agressão **ao longo de um tempo** e de forma constante contra a mesma vítima e sem motivo algum.

DESDE QUE IDADE SE PRODUZ O BULLYING E COMO SE MANIFESTA NAS DIFERENTES ETAPAS?

“Não há resposta precisa que estabeleça o momento em que uma criança ou adolescente usa plenamente sua capacidade de medir as consequências de seus próprios atos”⁴. “Meninos e meninas de pouca idade geralmente expressam o que pensam sem qualquer filtro. Assim, a extrema sinceridade infantil pode ser cruel, por falta de consciência dos próprios atos e do respeito pelos demais. Na infância, a agressão entre pares não é novidade e, inclusive, é uma etapa normal do processo de socialização. Contudo, o caminho que leva à consciência sobre o respeito pelo outro implica a intervenção adulta para impor limites adequados e precisos”⁵.

A responsabilidade dos adultos está “em guiar, orientar e desenvolver capacidades dentro do processo de evolução progressiva deles [de meninos e meninas], que transitam da inconsciência à consciência moral; particularmente, a maior responsabilidade reside no binômio família-escola”⁶.

“A discriminação não é uma invenção de meninos nem de meninas. Eles e elas são influenciados pelo mundo dos adultos”⁷. Dialogar e explicar as consequências causadas por agressões físicas ou verbais aos outros são as formas iniciais de evitar a conduta violenta.

“Entender o aprendizado sobre a convivência como um processo progressivo implica reconhecer que a tolerância e o respeito se acrescentam com a idade”⁸, que também melhora a capacidade de compreender e acatar as regras de convivência. “A fase da adolescência põe em jogo aprendizagens (adequadas e inadequadas,

diretas e indiretas) recebidas até esse momento”⁹. Nesse período, as palavras que costumam ser usadas para insultar estão vinculadas a características físicas, a questões referentes à sexualidade, à nacionalidade ou à origem social de uma pessoa. Todas essas agressões estão relacionadas à **discriminação**.

“O maltrato entre meninos e meninas que mais preocupa atualmente não é o das discussões ou brigas ocasionais, que podem ser identificadas e sancionadas com relativa facilidade. A preocupação mais grave se refere ao abuso emocional repetido e sistemático de uma pessoa ou grupo de pessoas contra outra e que, consciente ou inconscientemente, visa sua destruição psicológica”¹⁰.

⁴ Tradução livre do original em espanhol de “Violencia escolar en América Latina y el Caribe: Superficie y fondo”. Pág. 41., ⁵ Idem, pág. 42., ⁶ Idem, pág. 41., ⁷ Idem, pág. 84., ⁸ Idem, pág. 42., ⁹ Idem, pág. 41., ¹⁰ Idem, pág. 43.

O QUE ACONTECE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE PRATICAM BULLYING?

O *bullying* escolar causa uma série de consequências negativas não só para quem sofre a intimidação, mas também para quem intimida e para aqueles que testemunham a situação. Há três partes envolvidas: o assediado ou assediada é o(a) mais prejudicado(a) no processo. As testemunhas e o(a) agressor(a) são fundamentais para a compreensão do problema.

As crianças e adolescentes de ambos os sexos podem ter comportamentos agressivos por várias razões. Às vezes, perseguem ou intimidam alguém porque **precisam de uma vítima** para se sentirem mais importantes, populares ou no controle do grupo. Podem escolher alguém que

pareça mais fraco emocional ou fisicamente, que tenha um aspecto diferente ou aja de maneira diferente. Embora em certos casos os que se comportam de maneira agressiva são maiores ou mais fortes que suas vítimas, nem sempre é assim. Às vezes, os responsáveis por atormentar os outros o fazem porque **eles mesmos foram tratados dessa maneira** ou vivem em um ambiente onde se discrimina. Possivelmente pensam que seu comportamento é normal porque provêm de famílias ou de outros ambientes nos quais geralmente as pessoas mostram raiva, gritam, se insultam ou se desvalorizam. Em suma, ambientes onde as emoções não se expressam de maneira construtiva ou se reprimem. Em todo caso, não se pode esquecer que, **seja qual for a razão, não se justifica o assédio de um estudante contra outro. Trata-se de compreender para saber como atuar.**

Crianças e adolescentes que perseguem ou intimidam seus pares de forma periódica podem tender a:

- ▲ Ser impulsivos, exaltados, dominantes.
- ▲ Frustrar-se facilmente.
- ▲ Carecer de empatia.
- ▲ Ter dificuldades para seguir regras.
- ▲ Ver a violência de forma positiva.
- ▲ Ser discriminadores.
- ▲ Ser intolerantes às opiniões diferentes das suas.
- ▲ Ocultar fraquezas e conflitos atrás de uma fachada agressiva e poderosa.

Embora pais e mães, qualquer que seja seu nível cultural ou condição econômica e social, amem seus filhos e filhas e os apoiem, crianças que manifestam condutas agressivas têm maiores probabilidades, ainda que não necessariamente, de viver em lares onde haja:

- ▲ Falta de carinho e participação dos pais.
- ▲ Condutas parentais extremamente permissivas, como falta de limites para o comportamento das crianças.
- ▲ Falta de supervisão ou desentendimento entre os pais.
- ▲ Disciplina rígida ou abuso físico.
- ▲ Modelos de comportamento que incluam maus-tratos e intimidação.
- ▲ Comentários ou atitudes discriminatórias e intolerantes com relação ao próximo.

O QUE ACONTECE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE BULLYING?

Muitas vezes, as crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem **não dispor de recursos ou habilidades pessoais para reagir e se defender de maneira adequada**. Podem ser sensíveis, frágeis, pouco sociáveis e não reagir por vergonha, medo do agressor, conformismo ou baixa autoestima. Dessa maneira, são muito prejudicados pelas ameaças e agressões.

Outras vezes, as vítimas não apresentam tais características de personalidade, mas se tornam alvo de chacotas **por serem diferentes**: por pertencerem a determinada raça ou grupo socioeconômico, terem alguma deficiência, características físicas não valorizadas ou rejeitadas socialmente, como a obesidade, uso de óculos ou aparelhos ortodônticos. O *bullying* também pode ser causado pelas diferenças de gênero ou ainda por habilidades acadêmicas superiores à média da sala de aula.

Os atos de perseguir ou intimidar são extremamente traumáticos para as vítimas, especialmente **porque a agressão provém do grupo de pares**. A desigualdade de poder entre o(a) agredido(a) e o(s) agressor(es) é tão acentuada que quem sofre o assédio não pode e nem sabe como se defender. Dessa forma, o abuso se torna um sofrimento habitual e a criança ou adolescente não encontra saída para a situação, sentindo-se sozinho e desamparado.

É comum que os assediados apresentem sinais de:

- ▲ Baixa autoestima ou autoimagem negativa.
- ▲ Sensações de medo ou fobia.
- ▲ Pesadelos e insônia.
- ▲ Depressão e ansiedade.
- ▲ Desconfiança das relações sociais.
- ▲ Desconfiança dos adultos por sua intervenção inadequada.
- ▲ Isolamento social.
- ▲ Desinteresse permanente.
- ▲ Baixo rendimento ou absenteísmo escolar.

O BULLYING ENTRE MENINOS E ENTRE MENINAS É DIFERENTE?

O *bullying* pode ser produzido tanto por meninos quanto por meninas, porém suas **manifestações geralmente são diferentes**. As pesquisas indicam que as meninas são mais propensas à agressão verbal, enquanto os meninos são mais inclinados à agressão física. As adolescentes, em maior proporção, costumam ser maltratadas pela divulgação de boatos, que as tornam alvos de

comentários ou assédio sexual. Todas são formas de violência que podem se converter em *bullying*.

Todos os profissionais da escola devem promover a **igualdade de gênero**. É muito importante formar os docentes e os outros membros da instituição para enfrentar a discriminação e a violência baseada no gênero.

O QUE É O CYBERBULLYING?

O **cyberbullying** acontece quando a agressão e a intimidação a um(a) colega ocorrem **por meio do uso da tecnologia e da Web** (computadores, celulares e outros dispositivos eletrônicos).

Como se produz? Pode ser com mensagens de texto cruéis, divulgação de falsos boatos ou mentiras por e-mail ou nas redes sociais, publicação de vídeos constrangedores para o assediado e criação de perfis falsos nas redes sociais ou sites destinados a zombar de alguém.

O cyberbullying se expande viralmente pela Web e pode humilhar de uma maneira muito difícil de ser detida.

Por isso, é muito invasivo e danoso. As mensagens e as imagens podem ser enviadas pelo agressor(a) a qualquer momento do dia e de qualquer lugar (inclusive de forma anônima), e podem ser compartilhadas com muita gente. Dessa maneira, a vítima está exposta a receber agressões o tempo todo, mesmo estando em sua própria casa. Além disso, as agressões permanecem na Internet durante muito tempo, podendo afetar a criança ou o adolescente em longo prazo.

Embora o *cyberbullying* seja mais frequente entre os adolescentes, porque fazem uso das novas tecnologias de forma mais autônoma e assídua, é importante **trabalhar o tema desde tenra idade**, já que são registrados cada

vez mais problemas desse tipo entre crianças do ensino fundamental I. Na escola e em casa, é importante que os adultos eduquem as crianças para usar os celulares, Internet e redes sociais de forma segura e apropriada.

COMO EVITAR O BULLYING NA ESCOLA?

As habilidades para conseguir uma boa convivência não podem ser inculcadas aos meninos e às meninas por imposição, devem ser transmitidas como um modo de vida, uma forma de se comportar, de “estar com o outro”. Trabalhar com esse enfoque desde as primeiras séries ajuda as crianças a aprenderem desde pequenas a reagir à intolerância e à provocação, a controlarem a raiva, a serem geradoras de propostas e buscarem soluções pacíficas. Em resumo, a serem capazes de reconhecer as consequências negativas e destrutivas da violência e do abuso, tanto para elas quanto para os demais.

“Fica claro que as atitudes discriminatórias de crianças e adolescentes provêm de imitações e aprendizagens do mundo adulto no qual se desenvolvem, que pode estar provido de abusos de poder e situações de desigualdade”¹¹. Por isso, é necessário rever os valores e modelos apresentados pelos adultos da escola e orientar como devem encarar sua tarefa de educar. Sem dúvida, os adultos devem representar modelos de respeito pelo outro, bom trato e estimular o diálogo e o consenso em vez de demonstrar atitudes arbitrárias, punitivas, violentas ou que provoquem violência.

Os últimos vinte anos estabeleceram novos paradigmas em relação aos direitos humanos, em particular para meninos e meninas a partir da Convenção sobre os

¹¹ Tradução livre do original em espanhol de “Violencia escolar en América Latina y el Caribe: Superficie y fondo”. Pág. 48.

Direitos da Criança, que os reconhece como indivíduos de direitos, ou seja, como pessoas com direitos, com capacidade para exercê-los e de exigir seu cumprimento. A partir dessa perspectiva, algumas normas e regulamentos existentes nas instituições educativas se tornaram obsoletas. Os problemas e conflitos que vivemos atualmente já não podem ser resolvidos sob regimes disciplinares severos baseados em castigos. **É necessário construir diretrizes de convivência que permitam garantir o cumprimento dos direitos reconhecidos constitucionalmente para todos e todas, como o da proteção contra qualquer tipo de violência.**

As **regras de convivência participativa** devem ser a expressão dessa vontade. Para isso, devem partir da reflexão profunda sobre as causas dos conflitos dentro das instituições educativas, assim como da revisão dos princípios e noções de autoridade e do manejo do poder da escola.

Se esse é o caminho, existem algumas diretrizes que um **programa integral de prevenção ao bullying na escola** não deveria ignorar. A seguir, enumeramos algumas das características mais importantes que devem ser incorporadas para atender todos os aspectos do problema e apoiar uma abordagem focada em melhorar a convivência, favorecer a aprendizagem e garantir a proteção que crianças e adolescentes precisam:

▶ Criar um **programa abrangente, integral e duradouro** para toda a escola, cujos pilares sejam a inclusão, a não discriminação e o reconhecimento dos direitos de cada criança e adolescente.

▶ Abrir espaços de diálogo permanente nas escolas, intra e intergeracionais, para criar condições adequadas à **participação** de todos os membros da comunidade escolar na elaboração de acordos, no reconhecimento e respeito às diferenças, e na resolução de conflitos.

Fazer um **diagnóstico** da convivência na escola, com os membros da comunidade escolar, com base nos seguintes parâmetros: disciplina, normas existentes, autoridade, sanções, problemas mais comuns, etc.

Realizar **pesquisas anônimas** com os estudantes para avaliar a natureza e a extensão de comportamentos intimidatórios entre pares.

Promover um ambiente que desestime atos de perseguição ou intimidação e reprovar tais comportamentos do ponto de vista de uma escala de valores desejável.

Capacitar a equipe para reconhecer e responder adequadamente quando detectar conflitos entre pares, atitudes discriminatórias, intolerância e comportamentos de *bullying* propriamente dito.

“Criar um ambiente amigável e seguro, escolhendo professores e professoras qualificados, incluindo docentes mulheres, assegurando sua remuneração justa e dignificando suas condições de trabalho, investindo em capacitação sobre os direitos da criança e desenvolvendo regulamentações nas escolas, mecanismos e códigos de conduta...”¹²

“Prestar atenção especial às questões de gênero e assegurar que todas as lições e materiais didáticos promovam a igualdade de gênero”.¹³

“Treinar docentes e demais profissionais da equipe para enfrentar a discriminação e a violência baseada em gênero”.¹⁴

Realizar um **trabalho individual** tanto com alunos e alunas que são perseguidos ou intimidados quanto com os que perseguem e intimidam seus pares.

Envolver pais e mães, do(a) agressor(a) e do(a) agredido(a), quando persistirem os atos de *bullying* ou o incidente for particularmente grave.

Dependendo da seriedade, recomenda-se procurar orientação profissional extraescolar.

Intervir diretamente na sala de aula em que se produz o *bullying*, **tornando todos os colegas parte da situação** que o grupo sofre. Se necessário, buscar apoio especializado de psicólogos.

Criar um **comitê ou comissão de convivência** com representantes dos estudantes, docentes, pais, mães e autoridades da escola. Esse comitê, que pode se reunir quinzenalmente, avaliará as campanhas de prevenção, proporá ações, realizará novos acordos a respeito da convivência na escola e **criará regras de convivência acordadas entre todos**.

Revisar o que diz o **regimento** da escola sobre atos de perseguição ou intimidação junto com o comitê de convivência.

Inserir as regras de convivência nos projetos pedagógicos como um componente fundamental em todas as áreas.

Designar um mês do ano (outubro, por exemplo) o **mês de prevenção ao bullying**. Durante todo o mês, a escola inteira pode trabalhar o tema em uma campanha para promover atividades com a comunidade. Poderão fazer murais, mobilizar para a assinatura do compromisso de prevenção ao *bullying*, colocar cartazes, projetar filmes para discussão, organizar mesas redondas com especialistas, etc. A meta pode ser se tornar uma “Escola 100% Comprometida” com **CHEGA DE BULLYING***. As crianças e adolescentes sentem-se comprometidos quando diretamente envolvidos em um tema.

“Assegurar que meninos e meninas de grupos vulneráveis estejam matriculados e permaneçam na escola, dando atenção especial para que sejam atendidas suas necessidades de aprendizagem (...).”¹⁵ Garantir também que sejam atendidas as necessidades emocionais dessas crianças.

“Cultivar valores de inclusão e de tolerância dirigidos aos meninos e meninas de todos os estratos sociais e capacidades”.¹⁶

Valorizar a diversidade, reconhecendo publicamente os vários talentos e qualidades positivas que cada estudante traz para a comunidade escolar. Não promover somente um modelo de “sucesso” e de “bom aluno”.

¹² Tradução livre do original em inglês de “Tackling Violence in Schools: A Global Perspective. Bridging the Gap between Standards and Practice”. Office of the Special Representative of the Secretary General on Violence against Children. Pág 40., ¹³ Idem, pág. 40., ¹⁴ Idem, pág. 41., ¹⁵ Idem, pág. 41., ¹⁶ Idem, pág 41., * O Cartoon Network e seus parceiros nesta campanha reconhecerão como “Escolas 100% Comprometidas” aquelas que conseguirem assinaturas de toda a comunidade escolar para o compromisso de prevenção ao *bullying*.

QUE TRABALHO PREVENTIVO PODEMOS FAZER EM SALA DE AULA COM OS ESTUDANTES?

Ressaltamos novamente que os docentes devem trabalhar com alunos e alunas na construção de valores de convivência e ambientes escolares cooperativos, em que os conflitos possam ser tratados e resolvidos de forma positiva. Afinal, não se trata somente de pôr a violência no centro do debate, mas também de aprender novas formas de convivência para **o exercício de uma cidadania responsável, em um ambiente escolar democrático, inclusivo e equitativo.**

Se o *bullying* é detectado nas primeiras fases, docentes, pais e mães podem intervir a tempo de pôr fim rapidamente aos episódios de violência. Por outro lado, se descobrem um assédio de longa duração, desarticular o problema levará mais tempo.

A seguir, algumas propostas a considerar:

Realizar assembleias. As trocas ou assembleias em sala de aula, programadas de forma regular, em que se reflete sobre o que aconteceu na semana, os conflitos grupais e as relações, podem ajudar a reduzir atos de perseguição ou intimidação. Esses **encontros participativos** favorecem um clima positivo para a aprendizagem e as relações sociais. Também facilitam a identificação e intervenção do docente em situações de conflito. A intervenção em sala de aula é efetiva, porque alcança todos os meninos e meninas, vários dos quais muitas vezes são testemunhas de atos de agressão ou intimidação. Tratar o grupo como um todo cria a sensação de comunidade, na qual todos se fazem responsáveis por suas condutas, gerando laços solidários e atitudes de empatia.

Escutar as crianças e adolescentes. Reconhecer seu potencial de contribuição para fazer das escolas ambientes livres de violência.

Propor dinâmicas de trabalho grupais. O trabalho em grupos colaborativos põe em jogo uma dinâmica diferente, na qual podem ser reveladas habilidades, talentos e potencialidades dos integrantes. **A meta é atingida somente se a totalidade do grupo participa**, de maneira que é importante ceder protagonismo, escutar as opiniões e contribuições do outro e solucionar tensões de forma criativa. Por meio da cooperação, alunos e alunas exercitam interdependência positiva e alcançam um crescimento pessoal e social. A intervenção docente na organização de subgrupos e o trabalho com cada um é fundamental, para favorecer a cooperação e mediar os conflitos próprios do trabalho com outros e outras.

Organizar **atividades** para debater temas como a discriminação, inclusão, tolerância, valores que favorecem a convivência, respeito pelo próximo, agressão, estereótipos de gênero, etc.

Estabelecer novas **regras para a formação de grupos** de trabalho, de maneira a favorecer a inclusão e evitar que sempre os mesmos meninos e as mesmas meninas fiquem marginalizados. Pode-se variar os grupos semanalmente ou de acordo com os diferentes projetos e utilizar **múltiplos critérios de agrupamento**, por meio de jogos que permitam montar equipes de modo aleatório.

Trabalhar com **obras literárias e filmes**. As histórias são um convite permanente à fantasia, ao jogo, à brincadeira, à imaginação. No entanto, sua função cultural e seu valor pedagógico não se esgotam aí. As histórias nos falam do amor ou do desamor, da amizade e da solidão, da solidariedade e do egoísmo, do respeito pelo outro e da discriminação. Assim, os filmes e as obras literárias constituem insumos privilegiados para falar e refletir sobre diferentes temas sociais.

Incluir o **jogo** tanto nas atividades de aprendizagem quanto na abordagem da temática do *bullying* especificamente. Os jogos são uma ferramenta de grande utilidade para o trabalho interno (autoconhecimento, atenção, cuidado, comunicação direta, superação de resistência) e para **facilitar o contato com o outro**. Os jogos também visam desenvolver competências, como o trabalho em equipe e as relações sociais.

COMO AGIR DIANTE DO BULLYING?

Cada escola deve decidir como agir quando se detecta uma situação de *bullying*. Com certeza, deverá intervir e **o primeiro passo é proteger a vítima**. Os docentes devem saber que há uma grande diferença entre deter o *bullying* quando está nas primeiras fases e enfrentá-lo quando já está instalado há um tempo.

Se detectado um ato de perseguição ou intimidação, é importante que a equipe da instituição esteja preparada para:

Deter imediatamente a agressão. Deverão se colocar entre quem persegue ou intimida e quem está sendo intimidado(a). De preferência, procurar **bloquear o contato visual entre eles ou elas**. Não afastar nenhum menino ou menina – especialmente as testemunhas. Não perguntar de imediato o que aconteceu nem discutir o motivo da agressão ou averiguar os fatos.

Escutar o relato de outros alunos e alunas, do(a) próprio(a) agredido(a) e de pais e mães, sem minimizar a situação, e tentando obter a maior quantidade de informação possível.

Proteger a criança ou adolescente vítima de *bullying* e assegurar sua família de que a instituição tomará medidas em relação ao ocorrido. Fazer um relatório do fato e informar toda a equipe escolar.

Conversar sobre as **consequências negativas de perseguir ou intimidar** e sobre as **regras de convivência da escola**. Usar um tom natural para se referir aos comportamentos que viram ou ouviram. Deixar claro aos alunos e alunas que perseguir ou intimidar é inaceitável e vai contra as regras da escola.

Apoiar a criança ou adolescente perseguido(a) ou intimidado(a) para que se sinta seguro(a) e a salvo de represálias. Esses estudantes **precisam de mensagens de apoio claras dos adultos**. Apesar de querer que crianças e adolescentes sejam fortes e determinados e lidem com quem os intimida, os adultos devem entender que muitas vítimas de *bullying* não estão prontas para isso. **Os adultos desempenham papel fundamental para ajudar estudantes que são maltratados** e para criar um ambiente saudável e seguro

na escola e na comunidade. Crianças e adolescentes que se sentem respaldados e acompanhados não ficarão calados e pedirão ajuda se houver outro episódio de *bullying*.

▶ **Incluir as testemunhas na conversa e dar orientações** sobre como poderiam intervir corretamente ou obter ajuda da próxima vez. É importante não pedir às testemunhas que expliquem publicamente o que observaram.

▶ Discutir o problema em sala de aula com todos os estudantes para encontrar uma **solução que os envolva e os comprometa**, sem expor os principais envolvidos.

▶ Acompanhar não só o(a) assediado(a), mas também aquele(a) ou aqueles(as) que agridem. Todos os envolvidos devem sentir que o docente está cuidando da situação para garantir que o *bullying* não volte a acontecer.

A direção deve considerar também as seguintes ações:

▶ **Quando apropriado, a escola deverá impor consequências** para os que perseguem ou intimidam, segundo as regras de convivência escolar. Não se exigirá do(s) agressor(es) ou da(s) agressora(s) que se desculpem ou façam as pazes com as vítimas no calor do momento. Todos deverão ter tempo para “acalmar os ânimos”. Todas as consequências deverão ser lógicas, justas e relacionadas à ofensa.

▶ Dependendo da gravidade do problema, a escola deverá **informar os pais e mães** das crianças envolvidas.

▶ Organizar **reuniões com a equipe docente** para estabelecer estratégias de trabalho e atuar de maneira coerente diante dos fatos. Os acordos e estratégias devem ser anexados ao relatório do caso. Algumas dessas estratégias poderão ser informadas às famílias da vítima e do agressor. Quando pertinente, a escola também pode informar a todos os pais do grupo, tomando o cuidado de não expor os envolvidos.

▶ Se necessário, a instituição poderá sugerir **avaliação ou tratamento psicológico**.

▶ As **sanções** devem estar baseadas na compreensão, compaixão e aprendizagem e não em medidas punitivas, como suspensão ou expulsão, que poderão ser utilizadas estritamente em casos extremos. As sanções punitivas tendem a não resolver realmente o problema, já que não geram aprendizagem nas crianças e adolescentes que praticam *bullying* nem no resto do grupo. Além disso, medidas punitivas incentivam os estudantes a ficar em silêncio diante de um futuro problema.

▶ Se o *bullying* for **detectado nas primeiras fases**, docentes, pais e mães podem intervir a tempo e com mais possibilidades de acabar rapidamente com os episódios. Quando o assédio ocorre há mais tempo, solucioná-lo pode demorar mais.

Intervir apenas quando há um conflito ou um processo de *bullying* é um grave erro. A prevenção deve fazer parte do programa escolar. As estratégias de prevenção devem ser destinadas a promover habilidades emocionais e comunicativas para que alunos e alunas aprendam a evitar conflitos e a afrontá-los de maneira não violenta.

AS REUNIÕES DE PAIS E MÃES POR CAUSA DO BULLYING SÃO NECESSÁRIAS?

Não raramente, a escola acusa algumas famílias de não darem noções adequadas de socialização às crianças, baseadas em princípios e valores que assegurem sua capacidade de conviver respeitando os demais. Por sua parte, as famílias se queixam que os docentes e demais autoridades escolares não têm competência para atender de maneira adequada às necessidades e os problemas dos estudantes.

Essas premissas não somente não resolvem o problema como também impossibilitam a busca de soluções. Escolas e famílias devem formar uma aliança em prol das crianças e adolescentes para acompanhá-los e apoiá-los no seu desenvolvimento. **Por isso, as reuniões de pais e mães devem procurar envolver as famílias no problema, comprometê-las na prevenção e chegar a acordos entre escola e família.**

O planejamento de cada reunião dependerá do seu objetivo: informar sobre o tema, sensibilizar e refletir,

comunicar normas ou estratégias que a instituição implementará, comprometer os pais na busca conjunta de soluções para um problema específico. Poderá haver a projeção de filmes para discussão, a análise de assuntos da atualidade, a participação de um especialista (psicólogo, pedagogo, etc.), jogos cooperativos para que os pais e mães se conheçam e se familiarizem com a instituição, ou atividades vinculadas a trabalhar o tema da comunicação (escola-família, as famílias entre si, crianças-adultos).

CAPACITAÇÃO DE DOCENTES: PRIORIDADE!

A reflexão, o debate e os acordos firmados em encontros entre os docentes da instituição são a pedra fundamental para resolver o problema do *bullying* na escola.

Os(as) docentes convivem diariamente com seus alunos e alunas e conhecem a situação que vive cada grupo. Assim, eles se tornam os adultos de confiança e as referências mais próximas para as crianças, adolescentes e suas famílias.

Uma equipe sólida, que toma decisões coerentes e aborda o problema de maneira solidária e responsável, garantirá um ambiente livre de violência para as crianças e adolescentes no qual ensinar e aprender será prazeroso, estimulante e seguro.

É importante que os encontros com docentes sirvam para **elaborar novas estratégias** de abordagem do *bullying* e para expor dúvidas, medos e emoções que surgem quando se enfrenta esse problema.

ATIVIDADE 1: DRAMATIZAR PARA COMPREENDER

A técnica do **role-playing**, também chamada de dramatização ou simulação, consiste em que duas ou mais pessoas representem uma situação ou caso concreto da vida real. Para isso, os participantes atuam segundo o papel atribuído a eles para tornar a representação mais real e autêntica.

Para desenvolver a técnica, os participantes podem ser convidados ou escolhidos pelo coordenador da reunião, sempre respeitando o desejo dos docentes de participar ou não. A cada docente será atribuído um papel que somente ele ou ela conhecerá, mas os demais colegas não. Enquanto o coordenador distribui os papéis, os docentes que participarão da cena poderão começar a compor seus personagens.

As situações propostas a seguir são exemplos e podem ser modificadas conforme o que cada instituição considere relevante para o trabalho com seus docentes. Acreditamos que essas cenas possam contribuir enormemente para a reflexão, elaboração de estratégias comuns a todos e para o confronto dos temores inerentes à função de ser docente.

SITUAÇÃO 1

Entrevista com o pai e a mãe de um aluno, que poderá ser do ensino fundamental I, II ou médio, dependendo do grupo de docentes que estiver participando do exercício. A entrevista foi solicitada pela família e o docente desconhece o motivo.

PERSONAGENS

Docente: desconhece o motivo da entrevista e a situação que a família quer discutir. O docente se surpreenderá, mas depois reavaliará algumas atitudes do aluno.

Pai e mãe: vão à escola relatar que seu filho foi maltratado várias vezes por um colega. O pai está muito zangado com a instituição e está convencido de que nada foi feito para evitar a agressão. Exige que castiguem o aluno agressor. A mãe está angustiada, quer saber o que fazer para dar apoio ao filho.

SITUAÇÃO 2

Entrevista com os pais de um aluno de 14 anos. A entrevista foi solicitada pela direção da escola. A direção quer informar aos pais que seu filho participa ativamente de uma situação de intimidação contra um colega de classe.

PERSONAGENS

Docente: durante a entrevista, tentará fazer os pais compreenderem que a intenção do encontro é ajudar o filho deles. Considerará que o menino agride porque está enfrentando um problema e que é necessário lidar com isso na escola e em casa. Também comunicará aos pais que a escola vai impor consequências, já que essa conduta não é admitida. Tentará chegar a acordos e compromissos com os pais para ajudar o estudante a mudar seu comportamento.

Pai e mãe: superprotegem o filho, justificam e defendem todas as suas atitudes. Não admitem que ele seja capaz dos atos dos quais o acusam. Estão convencidos de que o docente “está implicando com ele”.

SITUAÇÃO 3

Uma menina de 12 anos procura sua professora para contar que está sendo maltratada constantemente por um grupo de colegas. Falam mal dela, a deixam de lado, espalham falsos rumores na Internet. Já não sabe o que fazer, quer deixar de ir à escola e sente que não tem nenhuma amiga.

PERSONAGENS

Docente: está trabalhando na sala dos professores, muito ocupada – é o fim do semestre e deve corrigir avaliações, entregar as notas dos alunos e apresentar o planejamento para o resto do ano. Mas percebe que a aluna está realmente aborrecida e que o que vem dizer é importante.

Aluna: é muito tímida, mas depois de suportar várias agressões dos colegas decide buscar ajuda da professora. Zombam dela por sua aparência física e seu modo diferente de ser e falar, porque ela vem de uma pequena cidade do interior. Também divulgam boatos maliciosos sobre ela na Internet. Tentou conversar com a professora outras vezes, mas não teve coragem. A professora está sozinha na sala dos professores e acredita que seja um bom momento para falar com ela.

Os(as) intérpretes iniciarão e **desenvolverão a cena com a maior naturalidade possível**. Viverão seus personagens com espontaneidade, mas sem perder de vista a objetividade, indispensável para reproduzir a situação tal como foi definida.

O coordenador fará a interrupção quando considerar que conseguiu informação e material ilustrativo suficientes para proceder à discussão do problema, que é o objetivo da representação. Por isso, não é necessário

chegar a um “fim” como nas obras teatrais. Bastará que a encenação seja significativa para facilitar a compreensão da situação proposta.

Logo depois da dramatização se partirá para a fase dos comentários e da discussão, mediada pelo coordenador. Primeiramente, todo o grupo exporá suas impressões, fará perguntas aos intérpretes, discutirá o desenvolvimento, proporá outras formas de reproduzir a cena, sugerirá diferentes reações, etc.

Depois, se permitirá aos intérpretes dar suas impressões, explicar seu desempenho, descrever seu estado de espírito durante a ação e dizer o que sentiram ao interpretar seu papel. Assim, o problema básico será analisado a partir de uma “realidade” concreta, na qual todos e todas participam. **Em certos casos, convém repetir a cena de acordo com as críticas, sugestões ou novos enfoques propostos**. Finalmente, se tiram as conclusões sobre o problema em discussão e se tomam notas sobre os acordos alcançados.

Algumas sugestões para orientar a discussão sobre as cenas:

- Descrever a situação dramatizada.
- Qual é o problema abordado?
- Qual é a posição de cada um dos participantes sobre o problema?
- Descrever os sentimentos que surgiram durante a dramatização.
- Avaliar como agiu o docente ou a equipe gestora. Quais foram suas intervenções?
- O que poderia contribuir para essas intervenções? Sugerem algo diferente? Acreditam que alguma dessas intervenções não contribuiu para a resolução do *bullying* ou poderia agravá-lo? Que ações a escola poderia implementar em relação ao problema exposto?

ATIVIDADE 2: EVOCAR A PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

O coordenador pedirá aos docentes que evoquem sua infância, voltem à época em que eram alunos(as) do ensino fundamental e visualizem uma situação de *bullying* na qual estiveram envolvidos, seja como testemunhas, vítimas ou agressores, e que a escrevam em um papel. Ao terminar, os que desejam poderão compartilhar com o resto do grupo.

Em seguida, os docentes se reunirão em pequenos grupos e compartilharão os sentimentos que recordam da situação. Para finalizar, elaborarão juntos uma lista dos sentimentos discutidos entre todos.

Serão enfocados os sentimentos que se repetem para pensar e propor formas de abordar o *bullying* sabendo que essas são as emoções que as crianças vivenciam.

ATIVIDADE 3: ENCONTRO COM ESPECIALISTAS

É sempre enriquecedor para toda a equipe estar em contato com fontes especializadas vindas de fora da escola e que ofereçam um **contexto mais amplo** do que a própria instituição. Chegar a esses espaços de reflexão e formação favorecerá o comprometimento da equipe e, sem dúvida, a começar da direção, se estará dando um lugar de destaque aos temas que giram em torno do *bullying*.

RESUMO

- O *bullying* é um problema que afeta milhões de crianças e adolescentes em todo mundo e prejudica todos os envolvidos: os que são perseguidos e intimidados, os que intimidam e aqueles que presenciam as situações de assédio.
- É possível prevenir e agir diante desse problema fazendo uma parceria entre a escola e a família para cuidar, proteger e criar ferramentas para educar e evitar o assédio entre pares.
- Os problemas entre pares devem fazer parte do trabalho de convivência em sala de aula, uma vez que é um conteúdo transversal a toda disciplina formal. Assim, haverá várias oportunidades de transformar situações negativas em positivas, incentivar a convivência escolar harmônica e criar um ambiente favorável para aprender e ensinar.
- Para abordar o tema na instituição é fundamental capacitar a equipe docente, porque o *bullying* envolve muitas temáticas: violência, discriminação, questões relacionadas ao gênero, direitos de crianças e adolescentes, etc. Docentes e instituições devem agir como modelos mostrando empatia, respeito e não violência.
- Estabelecer uma comissão/comitê de convivência na escola, composto por diretores, administradores, docentes, alunos, pais e mães, ajuda a implementar ações acordadas previamente, a atuar com coerência dentro da instituição e a envolver a comunidade na resolução do problema.
- Abrir o diálogo é a ferramenta fundamental dos adultos e adultas para acompanhar e guiar as crianças e adolescentes nas relações baseadas no respeito ao outro

e na valorização das diferenças. Escutar nossos alunos e nossas alunas e acompanhá-los na busca de soluções está em nossas mãos e nos permitirá deter o *bullying*.

- É fundamental que as consequências sejam justas e estejam direcionadas a compreender e ajudar quem sofre o *bullying* e quem o pratica. Os agressores devem ser questionados sobre suas atitudes e deve-se oferecer apoio para mudá-las. Medidas punitivas, como suspensão ou expulsão, tendem a ser contraproducentes, porque fazem com que as crianças fiquem em silêncio e impedem trabalhar as causas psicossociais que motivam o comportamento dos que perseguem e dos que são perseguidos.

MATERIAL ADICIONAL SOBRE REGRAS DE CONVIVÊNCIA

COMO SE CONSTROEM REGRAS DE CONVIVÊNCIA PARTICIPATIVA?

Normalmente, quando pensamos no comportamento das pessoas dentro dos espaços educativos, nos referimos à disciplina. No entanto, quando se fala de disciplina, sempre nos referimos ao comportamento que, na visão dos adultos, crianças e adolescentes devem ter dentro das instituições. Ao falar de **regras de convivência**, sugerimos desenvolver uma proposta que facilite a convivência, coerente com a realidade atual e que também **permita o desenvolvimento integral das pessoas, a autonomia, o exercício de direitos e da cidadania de todos que fazem parte de uma instituição: dirigentes, docentes, alunos e alunas, pessoal administrativo, pais e mães.**

As regras de convivência são construídas pelo conjunto da comunidade escolar de maneira **participativa**. Devem incluir, em **igual grau de importância**, todos os membros da comunidade escolar: alunos, docentes, diretores, pais, equipe administrativa, etc. As regras de convivência devem partir de acordos que sirvam de base para a boa convivência, o respeito por ideias divergentes e o desenvolvimento do princípio da responsabilidade compartilhada como inerentes à conquista dos objetivos propostos.

Os princípios contidos nelas devem ser delimitados e respeitados por todos e devem incidir na cultura escolar e no exercício de direitos de todos, contribuindo assim para o fortalecimento dos valores democráticos: solidariedade, equidade, respeito, bons tratos, inclusão, etc. As regras buscam que o indivíduo seja autônomo e capaz de autorregular sua conduta, isto é, que possa reconhecer e respeitar os limites e acordos de convivência.

Uma vez criadas, as regras de convivência substituem os regulamentos existentes na instituição. Seu espírito é funcionar como um contrato entre as partes e não como uma lista de proibições e punições. Devem ser flexíveis e renováveis para permanecerem atualizadas e propiciarem aprendizagem permanente; e acordadas **para garantir a participação de todos os membros da comunidade escolar e assegurar o compromisso e respeito de cada um em sua aplicação.**

O QUE SE PRETENDE ALCANÇAR COM REGRAS DE CONVIVÊNCIA?

Em especial que as instituições educativas:

- Sejam espaços de garantia e exercício de direitos de todos os seus membros.
- Centrem seus interesses nos alunos e alunas.
- Tenham a capacidade de orientar alunos e alunas no

exercício efetivo e cotidiano dos direitos e dos valores de convivência democrática; melhorar seus níveis de autoestima e empatia; promover o diálogo, a participação, resolução de conflitos e bons tratos como parte de uma nova cultura institucional.

- Reconheçam crianças e adolescentes como coprotagonistas de um projeto institucional comum e atores fundamentais nos processos de aprendizagem.
- Estejam mais conectadas com as necessidades e as mudanças atuais e que permitam às crianças e adolescentes desenvolver uma atitude crítica frente às situações que devem enfrentar.
- Fortaleçam os vínculos com as famílias.
- Abordem os casos de *bullying* como situações inerentes à convivência e para as quais se determinarão mecanismos de solução que as tornem oportunidades de aprendizagem. Assim, o *bullying* não será aceito como algo natural nas relações sociais.

Valores a ser considerados para a criação das regras de convivência:

- A defesa da paz e a erradicação da violência como formas de se relacionar.
- O respeito e a aceitação da diversidade religiosa, cultural, política e sexual dos demais.
- A solidariedade, a inclusão e o repúdio por qualquer forma de exclusão ou discriminação.
- A responsabilidade cidadã e o respeito pelos direitos próprios e dos demais.
- A responsabilidade individual como membro de um todo coletivo.

COMPROMISSO CHEGA DE BULLYING PARA ADULTOS

Para assinar este compromisso online, acesse chegadebullying.com.br

A campanha **CHEGA DE BULLYING** propõe que você assine este compromisso de prevenção ao *bullying*. Leve-o à sua escola para que docentes e outros gestores também assinem e colaborem para o fim do *bullying* no ambiente escolar. Convencer toda a comunidade escolar a assumir o compromisso significa ser “Escola 100% Comprometida” e merecedora de um reconhecimento por parte do Cartoon Network e dos demais parceiros desta campanha.

O *bullying* não é “brincadeira de criança”. Ele pode ter consequências prejudiciais para elas, suas famílias e a comunidade. Como adulto, sei que posso ajudar de várias formas. Aqui está o meu compromisso:

- **Não ficarei calado.** Reconheço que, como adulto, sou responsável e devo assumir uma posição em relação ao problema, mesmo antes de ele atingir meus familiares e amigos. Vou mostrar a todos que ajo de maneira responsável diante de uma situação de *bullying*, evitando combater a violência com mais violência.

- **Serei um defensor.** Vou defender as crianças que precisem de ajuda, tanto as minhas quanto outras que necessitem do meu apoio. Incentivarei a prevenção ao *bullying* por meio da capacitação de toda a equipe da escola, para que todos conheçam formas efetivas de proteger nossas crianças.

- **Serei um exemplo.** Tendo um comportamento exemplar, ajudarei as crianças a lidar com os conflitos. Sei que posso

fazer isso pacificamente, tanto dentro da minha família quanto na escola e na minha comunidade.

• **Serei um aliado.** Vou me comprometer com as ações implementadas na minha escola. Trabalharei com pais e mães, educadores e outras pessoas que se esforçam para acabar com o *bullying*, especialmente se souber que meu filho está envolvido.

O *bullying* faz com que as crianças queiram ser invisíveis. E nós podemos mostrar a elas, por meio de nossas ações, que as vemos, as escutamos e, o mais importante de tudo, que elas podem contar conosco para melhorar suas vidas. Assumir este compromisso é o primeiro passo para formar uma comunidade que pensa: chega de *bullying*. **Não vou ficar calado.**

ASSINATURA: _____
NOME: _____
DATA: _____



NOTAS: _____

NOTAS: _____

REFERÊNCIAS

- Health Resources and Services Administration. “El alcance y el impacto de los actos de molestar e intimidar”. U.S. Department of Health & Human Services em www.StopBullying.gov.
- Health Resources and Services Administration. “Niños que molestan o intimidan”. U.S. Department of Health & Human Services em www.StopBullying.gov.
- Health Resources and Services Administration. “Los actos de molestia e intimidación (*bullying*) en niños pequeños”. U.S. Department of Health & Human Services em www.StopBullying.gov.
- Health Resources and Services Administration. “Qué sabemos sobre los actos de molestar o intimidar (*bullying*)”. U.S. Department of Health & Human Services em www.StopBullying.gov.
- Torres del Castillo, Rosa María. “Normas para el Código de Convivencia”. Registro Oficial No. 151, Quito, 20 de agosto de 2003. Acesso: <http://pei.efemerides.ec/pei/convivencia2.htm>
- Abente Pfannl, Daisy, Lesme Romero, Diana S., Lovera Rivas, Vanessa, Rodríguez Leith, Margarita, Zerené Reyes, Yasmina. *Manual didáctico para la prevención e intervención del acoso escolar*. Assunção, Secretaria da Infância e Planejamento do Ministério da Educação do Paraguai, 2010.
- Educación, Redes y Rehiletes, Associação Civil. *Somos una comunidad educativa: hagamos equipo. Una propuesta de intervención integral educativa contra el bullying*. Cidade do México, UNICEF, 2011.
- Associação Chicos.net. Manual de enfoque teórico dentro del “Programa uso seguro y responsable de las tecnologías”. Buenos Aires, fevereiro de 2011. Acesso: http://www.programatecnologiasi.org/index.php?option=com_content&view=article&id=27&Itemid=225.
- Eljach, Sonia. *Violencia escolar en América Latina y el Caribe. Superficie y fondo*. Panamá, UNICEF, 2011.
- Rodríguez, Nora. *Stop Bullying. Las mejores estrategias para prevenir y frenar el acoso escolar*. Editorial RBA, Barcelona, 2006.

REFERÊNCIAS

- Ministério de Educação da Nação. *La convivencia en la escuela. Recursos y orientaciones para el trabajo en el aula*. Buenos Aires, Argentina, 2010. Acesso: http://www.me.gov.ar/construccion/pdf_coord/recursos-convivencia.pdf.
- Tenti Fanfani, Emilio. *Aportes para un modelo de convivencia democrática en las escuelas*. Mendoza, 1996. Acesso: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL000543.pdf>.
- Onetto, Fernando. *La escuela tiene sentido*. Buenos Aires, Ediciones Noveduc, 2012.
- S. R. S. G. on Violence against Children. *Tackling Violence in Schools: A global perspective. Bridging the gap between standards and practice*. Nova York, Office of the Special Representative of the Secretary General on Violence against Children, março de 2012. Acesso: <http://srsg.violenceagainstchildren.org/sites/default/files/publications/Tackling%20Violence%20in%20Schools%20final.pdf>
- Cartoon Network. “Chega de *bullying*, não fique calado”. Acesso: <http://chegadebullying.com.br>
- Plan Internacional. “Aprender sem medo”. Acesso <http://plan.org.br>
- Associação Chicos.net. “Programa Tecnologia Sí”. Acesso: www.programatecnologiasi.org.



**CHEGA DE
BULLYING**

**NÃO
FIQUE
CALADO**

CHEGADEBULLYING.COM.BR



Coordenação de conteúdo: Plan Internacional e Cartoon Network